



OITAVAS DE FINAL



x



Vini Jr., Marquinhos, Neymar, Alisson, Casemiro, Magalhães e Martinelli venceram seis dos 10 confrontos eliminatórios ou finais de jogo único contra times de Haaland

Os sete carrascos do viking

MARCOS PAULO LIMA
VÍCTOR PARRINI
ENVIADOS ESPECIAIS

Nova Jersey — Erling Haaland é grande e assusta com 1,95m de altura, mas não é dois. Muito menos joga sozinho. O Brasil precisará de um plano coletivo para sobreviver ao principal artilheiro da Noruega nas oitavas de final da Copa do Mundo. Carlo Ancelotti tem um bom ponto de partida: sete jogadores do elenco eliminaram equipes de Haaland em confrontos de mata-mata por clubes. Cada um deles conhece um caminho diferente para chegar ao mesmo destino: tirar o camisa 9 da disputa, como se espera hoje, às 17h, no MetLife Stadium.

A experiência é compartilhada por alguns dos principais pilares da Seleção. Seis são titulares. Em condições normais de temperatura e pressão, esse grupo teria um sétimo integrante: Neymar. Há quem tenha eliminado Haaland ainda nos tempos de Borussia Dortmund. Outros cruzaram o caminho do norueguês com o Manchester City de Pep Guardiola. Em comum, todos aprenderam a mesma lição: marcar Haaland é apenas parte da missão. O segredo está em desmontar a engrenagem construída para fazê-lo decidir.

Os capítulos dessa história ajudam a explicar parte do otimismo brasileiro. Desde 2020, jogadores convocados por Carlo Ancelotti venceram seis dos 10 confrontos eliminatórios e finais de jogo único contra equipes de Haaland. Vinicius Junior repetiu o feito duas vezes. Marquinhos, Neymar, Alisson, Casemiro, Gabriel Magalhães e Gabriel Martinelli completam a lista de brasileiros que deixaram o artilheiro norueguês pelo caminho.

O principal carrasco de Haaland na atual Seleção é Vinicius Junior. O atacante eliminou o Manchester City do norueguês nas quartas de final da Champions League de 2024 e repetiu o roteiro dois anos depois, nas oitavas da edição de 2026. É o único brasileiro do elenco a deixar equipes do camisa 9 pelo caminho em duas oportunidades.

O retrospecto ganha ainda mais peso porque Vinicius chega ao confronto vivendo a melhor Copa da carreira. São quatro gols em três partidas e o protagonismo ofensivo que o Brasil espera repetir diante da Noruega.

Antes de Vinicius Junior transformar o Manchester City em vítima recorrente, Marquinhos e Neymar abriram o caminho. Em 2020, o Paris Saint-Germain eliminou o Borussia Dortmund de



Caio Gomez/CB/D.A Press

Haaland nas oitavas de final da Champions League. Depois de marcar duas vezes na vitória alemã por 2 x 1 no jogo de ida, o norueguês comemorou em posição de meditação e ainda provocou o PSG nas redes sociais antes da volta em Paris. A resposta veio no Parque dos Príncipes. Neymar abriu o placar, repetiu a tradicional comemoração do atacante e liderou a vitória por 2 x 0, que colocou os franceses nas quartas de final, com Marquinhos como titular da defesa.

Após o apito final, Neymar voltou a se sentar no gramado para repetir a pose de meditação. Desta

vez, acompanhado por Marquinhos e praticamente todo o elenco do PSG. A provocação virou uma das imagens mais marcantes da aquela edição da Champions League e inaugurou a coleção de eliminações brasileiras contra equipes de Haaland.

Os capítulos seguintes mudaram de país, mas não de roteiro. Em 2022, Alisson levantou a Supercopa da Inglaterra pelo Liverpool diante do Manchester City. Um ano depois, Gabriel Magalhães e Gabriel Martinelli conquistaram o mesmo troféu pelo Arsenal. Casemiro também entrou para a lista ao liderar o

Manchester United na conquista da Copa da Inglaterra de 2024 contra o rival da cidade.

Contrapartida

O retrospecto, porém, está longe de ser absoluto. Haaland também levou a melhor em quatro confrontos decisivos no período. Eliminou o Real Madrid de Vinicius Junior na semifinal da Champions League de 2023, conquistou a Copa da Inglaterra do mesmo ano diante do Manchester United de Casemiro e, em 2026, levantou a Copa da Liga contra o Arsenal de Gabriel

Magalhães e Martinelli antes de despachar o Liverpool de Alisson com hat-trick na goleada por 4 x 0 nas quartas de final da FA Cup.

Ao longo dos últimos seis anos, Vinicius Junior, Marquinhos, Neymar, Alisson, Casemiro, Gabriel Magalhães e Gabriel Martinelli descobriram a mesma receita em clubes diferentes. Nenhum deles precisou anular Haaland sozinho. Bastou desmontar a engrenagem que faz o camisa 9 decidir. É essa fórmula que Carlo Ancelotti tentará repetir no domingo para manter o Brasil vivo na Copa do Mundo.



x



Azteca se despede com duelo entre personagens históricos do estádio



Estádio Azteca é recordista em números de jogos na história da Copa

ARTHUR RIBEIRO
ESPECIAL PARA O CORREIO

O Azteca, estádio com mais jogos de Copa do Mundo na história do torneio, despede-se da edição de 2026 com um cara a cara entre dois dos protagonistas dessa trajetória que já soma 24 partidas, três aberturas, duas finais e muitos momentos inesquecíveis. Palco do tricampeonato do Brasil em 1970, a arena recebe, hoje, às 21h, o México, dono da casa, e a Inglaterra, de volta ao local 40 anos após ser eliminada pelo icônico gol de mão de Diego Maradona. O confronto vale uma vaga nas quartas de final do Mundial para enfrentar a Seleção Brasileira ou a Noruega.

Localizado na Cidade do México, o estádio viu de perto Pelé e Maradona erguerem a taça da Copa do Mundo, mas a história começa ainda em 1966, quando foi inaugurado para ser uma das sedes da Olimpíada daquele ano. Depois, tornou-se a casa da seleção

mexicana e é, até hoje, um talismã para a equipe. Já são 10 jogos de Mundial por lá, com oito vitórias, dois empates e 18 gols marcados.

A situação se complica para o México justamente quando se afastam do Azteca. Em 1970, somaram dois triunfos e um 0 x 0 com a União Soviética pela fase de grupos antes de ir para Toluca, onde caíram para a Itália na primeira partida do mata-mata. Na Copa de 1986, bateram Bélgica, Iraque e Bulgária, além de um empate com o Paraguai, todos no estádio icônico. A eliminação veio em Monterrey, nas quartas de final, derrotados pela Alemanha Ocidental nos pênaltis.

Do outro lado, estar no Azteca para a Inglaterra é reviver um fantasma de quatro décadas. Em 22 de junho de 1986, o sonho do bicampeonato inglês acabou nos pés (e na mão) de Diego Maradona. A partida carregava nos bastidores a tensão da Guerra das Malvinas, travada pelos países quatro anos antes e com vitória dos europeus

no campo de batalha. No campo de futebol, melhor para os argentinos. El Pibe de Oro abriu o placar com o gol de mão mais famoso da história e depois driblou cinco adversários antes de balançar as redes no “Gol do Século”.

Independente do histórico dos dois lados, o confronto de hoje envolve um México embalado e uma Inglaterra cotada no grupo de favoritos ao título. Os mexicanos ostentam quatro vitórias em quatro jogos no Mundial, além de estarem a uma partida de igualar a Itália de 1990, que passou cinco confrontos consecutivos sem sofrer gols.

A Inglaterra ganhou moral pela vitória de virada sobre a RD Congo na fase anterior, mas terá de ligar o alerta em dois fatores. O primeiro, criticado pelo técnico Thomas Tuchel, é a altitude de 2.240 metros da Cidade do México. O segundo é a dor de cabeça para o treinador em relação ao lado direito da defesa. O comandante não convocou Trent Alexander-Arnold, do Real Madrid, perdeu

Tino Livramento por lesão antes da estreia no Mundial e, depois, viu Reece James e Jarell Quansah se machucarem na fase de grupos.

O alemão optou por improvisar Djed Spence no setor na última partida, mas pode colocar o volante Declan Rice na função, especialmente para tentar segurar Julián Quiñones, destaque e artilheiro dos mexicanos na Copa que joga por esse lado.

A atmosfera da partida movimentou a população mexicana e o preço dos ingressos. A busca de entradas para o duelo é a mais disputada do torneio até aqui, com valores até a casa de 36 mil dólares no site oficial de revenda. A opção mais barata custa cerca de US\$ 3,5 mil, quase 20 vezes mais caro que o preço original da Fifa, de US\$ 180.

Para os mexicanos, é a chance de manter a história de invencibilidade. Para os ingleses, é a oportunidade de reescrever a história e seguirem vivos pelo primeiro título desde 1966, quando também venceram o México, porém na primeira fase.

DRIBLE DE CORPO
NA COPA

MARCOS PAULO LIMA



O pênalti que só a tevê sueca viu

Marselha não sabia, mas o jogo ainda não tinha terminado quando o apito soou

O Brasil já sentia o peso de uma partida travada, dura, sem brilho. A Noruega resistia como podia, empurrada pela lógica da Copa. Até que, nos minutos finais, a área virou confusão — e o árbitro norte-americano Esfandiar Baharmast apontou pênalti. A (até então) falta fake de Júnior Baiano em Tore André Flo entrava para a história antes mesmo de ser compreendida.

O detalhe é que ninguém havia visto direito. A transmissão oficial não captou o lance com nitidez suficiente. Por instantes, o futebol virou disputa de versões: foi pênalti ou não? Houve contato ou

apenas teatro? A indignação brasileira cresceu no vazio da imagem incompleta, como acontecia muitas vezes na era analógica.

Em 1998, o futebol ainda dependia do que a tevê conseguia enquadrar. O que ficava fora do quadro, simplesmente deixava de existir. E naquele instante, o mundo assistia a um jogo em que a decisão parecia ter surgido do nada.

“Eu vi claramente Júnior Baiano puxando Tore André Flo pelas costas da sua camisa, ela estica e fica parecendo uma vela em um barco veleiro. Eu seguro um pouco o apito para ver se vai ter alguma

vantagem e, como não ocorreu, tive que dar o pênalti”, conta Baharmast em entrevista publicada no site da Fifa. “Marquei com segurança, mostrei três vezes o puxão. Alguns jogadores tentam reclamar, mas eu estava seguro”, reforça. Hoje, ele viraria meme no papel de larápio.

Até que, à época, surgiu uma segunda câmera no dia seguinte. Um ângulo alternativo, registrado por uma tevê sueca, revelou o gesto que mudava tudo e fazia justiça a Esfandiar Baharmast: Júnior Baiano puxando a camisa de Tore André Flo dentro da área. O pênalti,

antes contestado, ganhava forma concreta. A dúvida se dissolvia no atraso da imagem.

“Todos os repórteres diziam que nada na televisão mostrava, era só um pouco contatado, que não era pênalti. Na minha consciência e meu coração, eu sabia que tinha tomado a decisão correta. Não tinha dúvida, estava 100% certo. Quando já era por volta de 3h ou 4h da manhã, meu telefone toca, era minha esposa. Ela disse para olhar num site um vídeo. Ao ver, pensei: ‘Graças a Deus, há justiça’, diz o árbitro.

Kjetil Rekdal cobrou. A Noruega venceu por 2 x 1. E o resultado



Escaneie
o QR.Code
e ouça
entrevista
com Zinho

entrou para o almanaque, não apenas devido à zebra, mas pelo modo como a verdade demorou a aparecer.

O mais curioso é que esse episódio pertence a um futebol que já não existe mais. Na era analógica, a imagem era limitada, linear, dependente de poucos olhos eletrônicos.

Hoje, esse mesmo lance seria capturado de todos os lados. Um celular na arquibancada, outro atrás do gol, outro no meio da torcida.

Em segundos, o pênalti estaria nas redes sociais, pausado, ampliado, debatido, viralizado. O VAR, nesse caso, chegaria tarde — porque a internet teria julgado antes.

Em 1998, era o contrário. A verdade precisava ser encontrada. Hoje, ela é instantaneamente disputada. E entre uma era e outra ficou o pênalti de Júnior Baiano — um lance que só existiu plenamente quando a câmera estrangeira decidiu denunciá-lo ao mundo na Copa.